



ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DE LEISHMANIOSE TEGUMENTAR NO MUNICÍPIO DE TOMÉ-AÇU/PARÁ

ANTÔNIA ANDRESA DAMASCENO SARMENTO; MARCEL FARIAS MANCIO;
JORIANNE THYESKA CASTRO ALVES

RESUMO

O município de Tomé-Açu, no Pará, possui uma economia predominantemente agrícola, o que contribui para o desmatamento de áreas florestais e, conseqüentemente, aumenta a exposição da população aos vetores de doenças parasitárias, como a Leishmaniose. Este estudo teve como objetivo identificar o perfil epidemiológico e sociodemográfico de pacientes diagnosticados com Leishmaniose tegumentar (LT) no município, entre 2019 e 2023, analisando dados como sexo, idade, escolaridade e local de residência a partir do banco de dados da Secretaria de Saúde. Os resultados indicaram um total de 267 casos de LT, sendo o ano de 2019 apresentando o maior número de registros. A maioria dos afetados era do sexo masculino, na faixa etária de 18 a 33 anos, com baixa escolaridade e residentes na zona rural. Esses dados sugerem que a infecção está fortemente relacionada a populações com limitado acesso à educação e serviços de saúde, que se mostram mais vulneráveis à doença. Ao longo do período estudado, observou-se uma diminuição no número de casos, sugerindo que ações educativas podem estar contribuindo para essa redução. No entanto, apesar dessa redução, são necessárias estratégias de prevenção que foquem na melhoria da educação, conscientização e acesso a serviços de saúde nas áreas rurais. Essas iniciativas são essenciais para proteger os grupos mais vulneráveis e reduzir a incidência da LT. O estudo ressalta a importância de continuar pesquisas para monitorar novos casos e aprofundar o entendimento sobre a doença, seu tratamento e medidas de prevenção adaptadas à realidade brasileira, visando melhorar a gestão e a qualidade de vida da população.

Palavras-chave: Epidemiologia; Vulnerabilidade; Prevenção; Saúde Pública; Riscos

1 INTRODUÇÃO

A Leishmaniose Tegumentar (LT) é uma infecção dermatológica significativa no Brasil, associada principalmente a espécies do protozoário *Leishmania*, como *L. (Leishmania) amazonensis*, *L. (Viannia) guyanensis* e *L. (Viannia) braziliensis*, transmitidas por flebotomíneos do gênero *Lutzomyia* (Vasconcelos et al., 2018). A LT é particularmente preocupante devido às suas altas taxas de incidência e às dificuldades de tratamento, que podem levar a deformidades e sequelas (Cruz et al., 2016). Os mamíferos silvestres, como roedores e marsupiais, atuam como reservatórios naturais da doença (Mattos, 2017; Vasconcelos et al., 2018).

Esta doença é considerada um grande problema de saúde pública no município, relacionado principalmente a fatores como ambiente de produção associados ao desmatamento e fatores socioeconômicos relacionados ao extrativismo (Oliveira *et al.*, 2020). No Brasil, a LT apresenta uma média de 21 mil casos anuais, com maior incidência na região Norte, que é uma região que apresenta uma alta taxa de extrativismo e desmatamento (Brasil, 2024).

Souza e Brígida (2019) demonstrou em seu estudo que a microrregião de Tomé-Açu, pertencente ao Estado do Pará, tem um índice alto de fatores de risco da LTA, sendo a terceira mais representativa. A economia de Tomé-Açu/PA é fortemente ligada à agricultura, o que resulta em desmatamento e, conseqüentemente, em maior frequência de doenças infecciosas, como a Leishmaniose (Homma *et al.*, 2018; Pereira; Lopes; Neves, 2015).

O Manual de Vigilância da Leishmaniose Tegumentar destaca a importância da vigilância epidemiológica para a redução da mortalidade e morbidade associadas à doença. Assim, diante da alta incidência de LT, especialmente na região Norte, este estudo busca descrever o perfil epidemiológico e sociodemográfico de pacientes diagnosticados com Leishmaniose no município de Tomé-Açu, Pará, no período de 2019 a 2023.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia desta pesquisa é caracterizada como um estudo de caráter, exploratório e descritivo, no qual foram analisadas as variáveis sociodemográficas em pacientes infectados com Leishmaniose Tegumentar no município de Tomé-Açu/PA no período de 2019 a 2023. Os dados foram obtidos na Secretária de Saúde do município de Tomé-Açu/PA, e as análises foram feitas no software Microsoft Excel.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os anos de 2019 e 2023, Tomé-Açu, PA, registrou 267 casos de Leishmaniose Tegumentar, com o maior número em 2019 (35,95% dos casos). Observou-se uma queda constante, como mostra a Figura 1, atingindo apenas 6,74% em 2023.

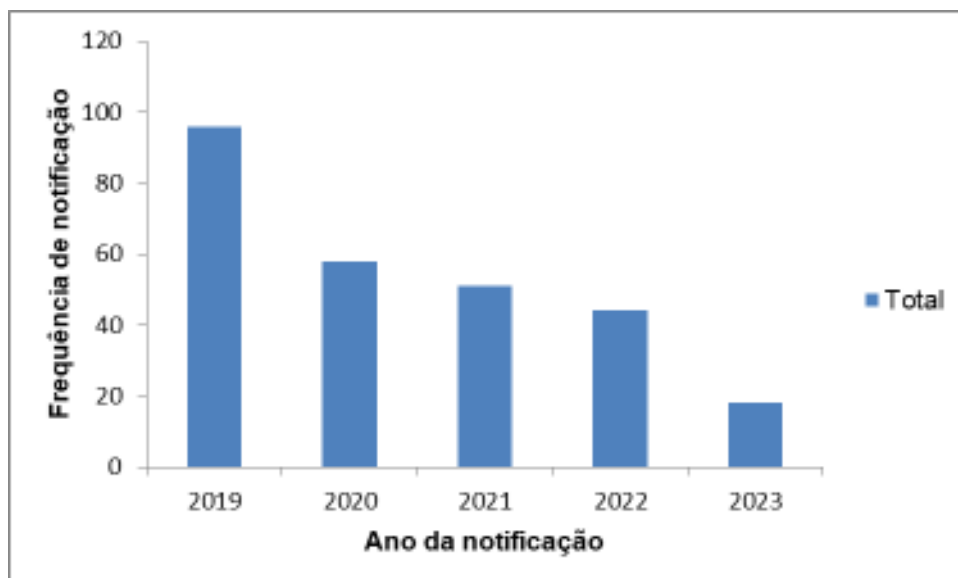


Figura 1. Total de casos notificados de Leishmaniose Tegumentar em Tomé Açu/PA entre 2019 e 2023. Fonte: Autores (2024).

Estudos apontam que a região Norte do Brasil tem a maior incidência de Leishmaniose Tegumentar, com cerca de 90% dos casos na América Latina ocorrendo no Brasil (Brasil, 2017; Alves et al., 2014; Mattos & Tumelero, 2023). Em Tomé-Açu, PA, houve uma redução dos

casos entre 2019 e 2023, com o maior número registrado em 2019. A zona rural foi a mais afetada, somando 182 casos no período (Figura 2). Em 2023, ambos os locais apresentaram um declínio, com apenas 18 notificações, divididas entre as zonas rural e urbana.

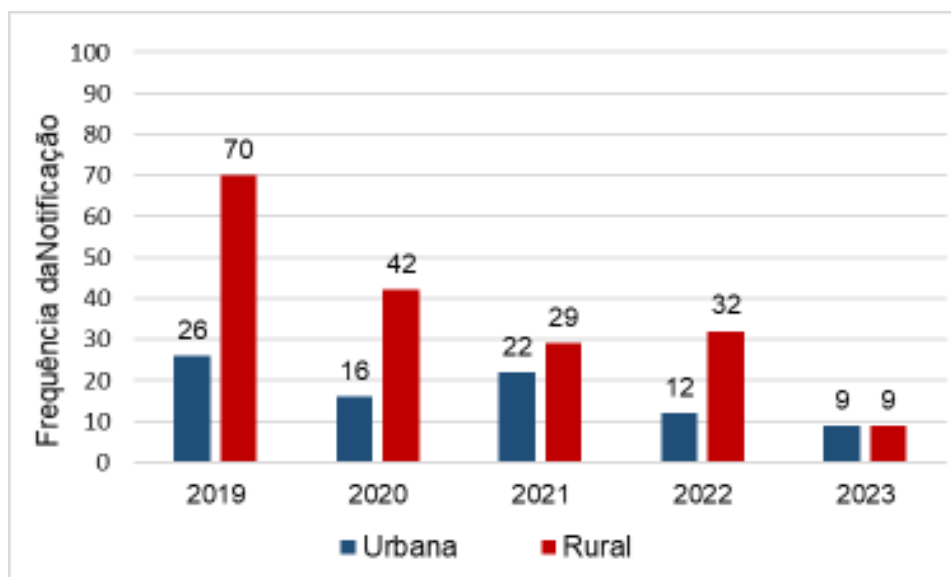


Figura 2. Frequência da notificação por Leishmaniose entre os anos de 2019 a 2023 segundo a zona residencial (urbana ou rural). Fonte: Autores (2024).

Em relação à zona residencial, verifica-se que esta variável é um fator relevante para a prevalência da LT. Assim como no estudo de Machado-Coelho *et al.* (2005), que mostrou que 80,04% dos casos de LT ocorrem em áreas rurais. Na região de Tomé-Açu foi confirmada que a maior parte das notificações de LT (182 casos) foi registrada na zona rural (68,16%) em comparação com a zona urbana (85 casos; 31,84%).

A figura 3 apresenta o quantitativo total dos casos notificados de LT de 2019 a 2023 de acordo com o sexo, demonstrando que a maior frequência registradas são do sexo masculino. O sexo feminino tem uma porcentagem de casos bem menor que o do sexo masculino, com 15,73% e 84,26%, respectivamente.

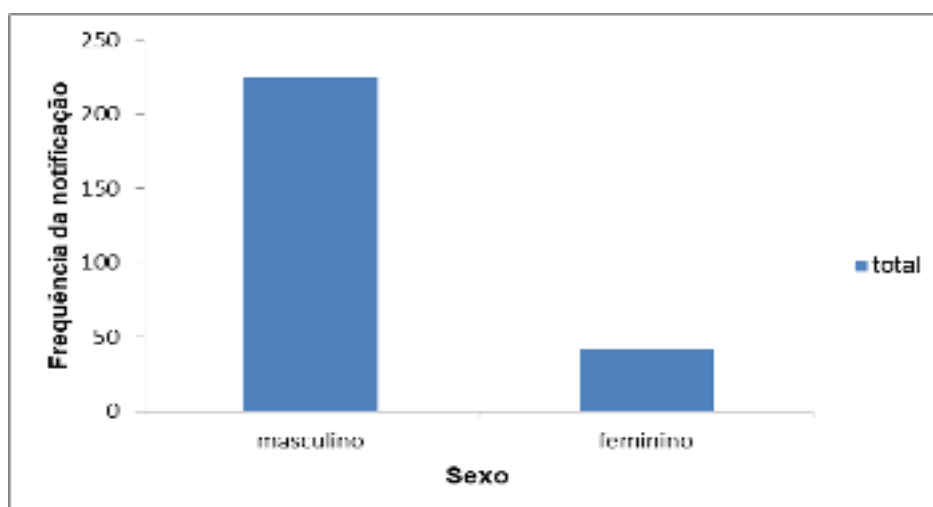


Figura 3. Total de notificação da doença segundo sexo masculino e feminino durante os anos de 2019 a 2023. Fonte: Autores (2024).

A análise da frequência de casos de Leishmaniose Tegumentar por faixa etária, como ilustrado na Figura 5, revelou que 43,07% dos casos ocorreram entre indivíduos de 18 a 33 anos, representando a faixa mais afetada. A faixa de 34 a 50 anos foi a segunda mais atingida, com 30,71% dos casos, enquanto a faixa de 0 a 17 anos apresentou 15,74%. Por fim, a faixa etária de 51 a 77 anos teve o menor índice, com 10,48% dos casos registrados.

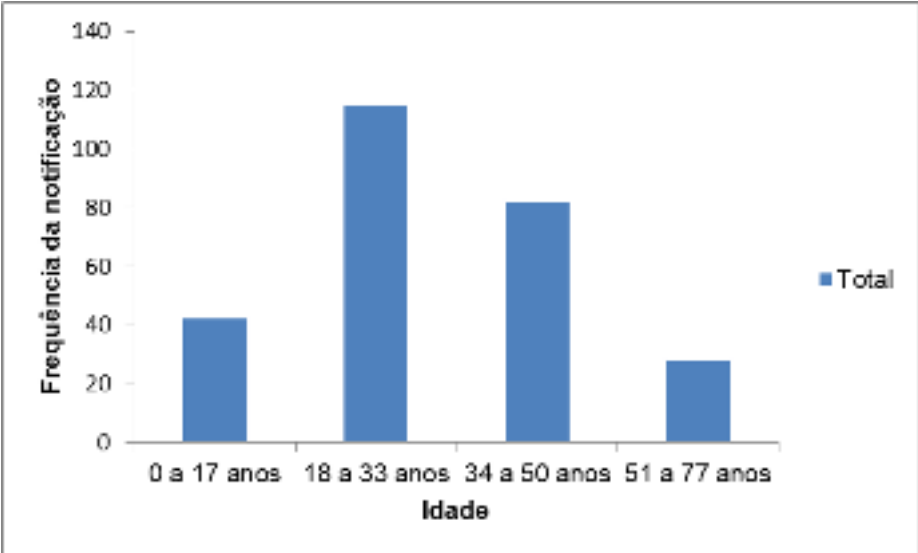


Figura 5. Total da notificação segundo a faixa etária do sexo masculino. Fonte: Autores (2024).

Abraão *et al.* (2020) identificaram 34.609 casos confirmados da LT no Pará, sendo o sexo masculino o mais afetado (79,88%), com idade entre 20 e 39 anos (48,82%) e autodeclarados pardos (71,77%). Os autores afirmam que a exposição está ligada às atividades de trabalho.

A tabela 1 mostra a distribuição dos casos de Leishmaniose Tegumentar por faixa etária entre 2019 e 2023. A faixa etária de 18 a 33 anos apresentou a maior incidência de casos em todos os anos analisados, com destaque para 2019, que teve 40 notificações, seguido de 2020, com 25. Em contraste, a população de 51 a 77 anos apresentou a menor frequência de casos em 2019, 2020 e 2023, enquanto a faixa de 0 a 17 anos teve menor frequência nos anos de 2021 e 2022. No total de notificações, a faixa etária de 51 a 77 anos foi a menos afetada.

Tabela 1 - Total de notificações segundo faixa etária.

Idade	2019	2020	2021	2022	2023	Percentual (%)
0 a 17 anos	19	10	5	4	4	15,74
18 a 33 anos	40	25	23	22	5	43,07
34 a 50 anos	31	18	12	13	8	30,71
51 a 77 anos	6	5	11	5	1	10,48

Fonte: Autores (2024).

A Figura 6 revela que a maioria dos casos de Leishmaniose Tegumentar foi registrada entre indivíduos com baixa escolaridade, especialmente aqueles com 5ª a 8ª série incompleta,

seguidos por 1ª a 4ª série incompleta. Notificações entre pessoas com Ensino Médio ou Superior completo foram mínimas, representando apenas 0,37% em cada categoria, indicando uma relação entre menor escolaridade e maior vulnerabilidade à doença.

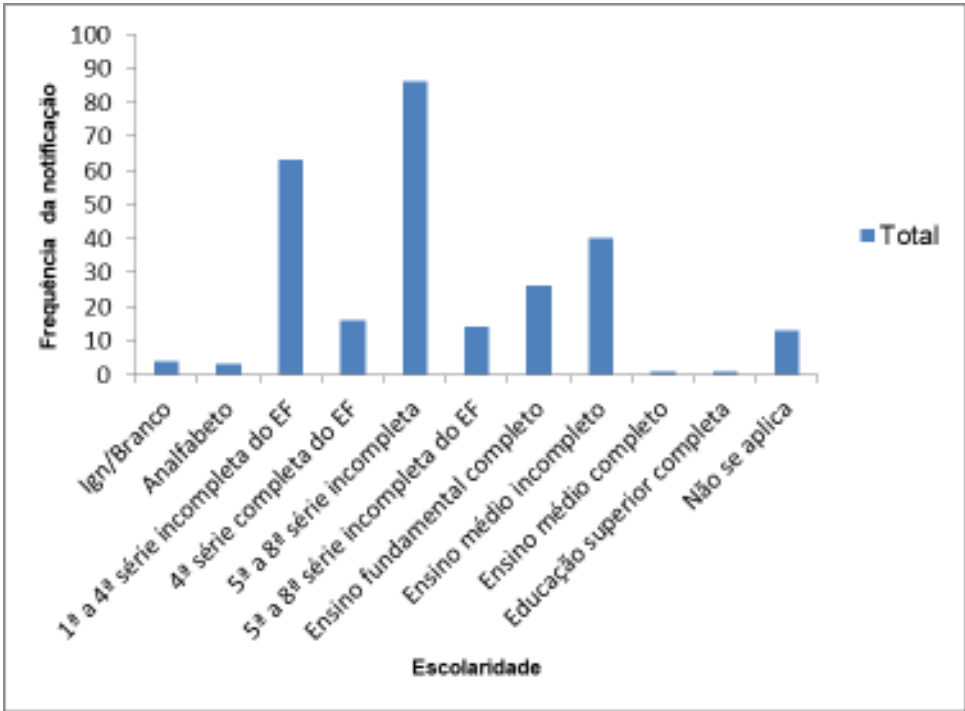


Figura 6. Total de notificações segundo escolaridade. Fonte: Autores (2024).

A tabela 2 mostra que, de 2019 a 2023, a maior frequência de casos de Leishmaniose Tegumentar foi em 2019, especialmente entre indivíduos com escolaridade entre 5ª e 8ª série incompleta, com 28 casos. Nesse ano, indivíduos com 1ª a 4ª série incompleta e Ensino Médio incompleto registraram 19 casos cada. No geral, pacientes com escolaridade de 5ª a 8ª série incompleta representaram 32,2% do total de registros.

Tabela 2 – Frequência de casos por ano da notificação segundo a escolaridade.

Escolaridade	2019	2020	2021	2022	2023	Percentual (%)
Ign/Branco	1	3	0	0	0	1,49
Analfabeto	0	2	0	1	0	1,12
1ª a 4ª série incompleta do EF	19	15	14	13	2	23,59
4ª série completa do EF	6	1	2	6	1	5,99
5 a 8 série incompleta	28	20	16	13	9	32,20
5 a 8ª série completa do EF	6	3	2	0	3	5,24
Ensino fundamental completo	10	4	8	4	0	9,73
Ensino médio incompleto	19	6	7	7	1	14,98
Ensino médio completo	1	0	0	0	0	0,37

Educação superior completa	0	0	1	0	0	0,37
Não se aplica	6	4	1	0	2	4,86

Fonte: Autores (2024).

Silva e Muniz (2009) destacam que o alto índice de casos de Leishmaniose Tegumentar entre indivíduos com baixa escolaridade indica uma possível associação entre a doença e condições socioeconômicas desfavoráveis. Segundo Porfirio-Passos *et al.* (2012), fatores como habitações precárias, analfabetismo, deficiências imunológicas, atividades extrativistas e desnutrição contribuem para uma maior vulnerabilidade à infecção, afetando especialmente grupos em condições socioeconômicas inferiores.

4 CONCLUSÃO

O estudo analisou o perfil sociodemográfico de pacientes com Leishmaniose Tegumentar em Tomé-Açu/PA, revelando uma maior incidência da doença em 2019, especialmente entre homens de 18 a 33 anos, com baixa escolaridade e residentes em áreas rurais. Esses achados indicam a relação entre a Leishmaniose e fatores socioeconômicos, ressaltando a necessidade de ações preventivas. Apesar da redução no número de casos ao longo dos anos, é fundamental implementar estratégias focadas na educação em saúde e no acesso a serviços médicos, além de políticas públicas para controle de vetores e melhorias no saneamento básico. O estudo também enfatiza a importância de pesquisas futuras que abordem a prevenção da doença e a adaptação de estratégias às realidades locais, visando à melhoria da gestão em saúde e da qualidade de vida das populações afetadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. D.; FERREIRA, T. L.; FERREIRA, I. N. **Hanseníase avanços e desafios**. Brasília: NESPROM, 2014.

ABRAÃO, L. S. O. *et al.* Perfil epidemiológico dos casos de leishmaniose tegumentar americana no estado do Pará, Brasil, entre 2008 e 2017. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, Ananindeua, v. 11, nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Leishmaniose Tegumentar (LT)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em:<<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/l/lt>>. Acesso em: 06 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Manual de vigilância da leishmaniose tegumentar**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2017a.

CRUZ, G. S. **Leishmaniose Tegumentar Americana**: aspectos clínicos, epidemiológicos e influência de fatores predisponentes. 2016. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Instituto de Ciências da Saúde, Acarape, 2016.

HOMMA, A. K. O.; *et al.* Pequenos Produtores de Tomé-Açu e Viseu, Pará: da “**Agricultura de Toco**” a **SAFS, Uma Mudança Possível?** In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 56., 2018,

Campinas. **Anais** [...]. Brasília, DF: SOBER, 2018. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/handle/doc/1094569>. Acesso em: 06 abr. 2024.

MACHADO-COELHO, G. L. *et al.* Risk factors for mucosal manifestation of American cutaneous leishmaniasis. **Transactions of the Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene**, n. 1, p. 55-61, 2005.

MATTOS, M. S. **Abordagem e tratamento da leishmaniose tegumentar americana na atenção básica**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2017.

MATTOS, A. B. N.; TUMELERO, J. L. Perfil epidemiológico da Leishmaniose tegumentar no Brasil de 2015-2020. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 3, p. 1-11, 2023.

OLIVEIRA, R. A. C.; MIRANDA, C. S. C.; GUEDES, J. A.; *et al.* A leishmaniose tegumentar americana e seus fatores de riscos socioambientais no município de Tucuruí, Pará, Brasil: análise espacial e epidemiológica. **Hygeia: Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 16, p. 386-396, 2020.

PORFIRIO-PASSOS, Gabriela *et al.* Métodos para diagnóstico da Leishmaniose Tegumentar Americana-Revisão. **Enciclopédia Biosfera**, v. 8, n. 15, 2012.

PEREIRA, M. D.; LOPES, J. D.; NEVES, M. G. C. **Leishmaniose Visceral em Criança: um relato de caso sobre a recidiva da doença**. Comunicação em Ciências da Saúde, v. 26, n.03/04, 2015.

SILVA, Natal Santos da; MUNIZ, Vitor Dantas. **Epidemiologia da leishmaniose tegumentar americana no Estado do Acre, Amazônia brasileira**. Instituto de Ciências Biomédicas, Universidade de São Paulo, Centro de Ciências da Saúde e do Desporto, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Brasil, 2009.

SOUZA, B. C.; BRÍGIDA, G. S. S. **Sistema fuzzy para análise de fatores de risco da Leishmaniose Tegumentar Americana no estado do Pará**. 2022. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sistemas de Informação) – Universidade Federal Rural Da Amazônia, Belém, 2022.

VASCONCELOS, Jairla Maria *et al.* **Leishmaniose tegumentar americana: perfil epidemiológico, diagnóstico e tratamento**. RBAC, v. 50, n. 3, p. 221-7, 2018.